

ROSE TREMAIN

TRANSGRESSÃO

Tradução de Luís Miguel Coutinho



A criança chama-se Mélodie.

Há muito tempo, antes de Mélodie ter nascido, a sua encantadora mãe aventurou-se no campo da composição musical.

Mélodie tem dez anos de idade e tenta comer uma sanduíche. Separa as duas partes do pão e observa o fiambre rosado e húmido e o brilho cinzento-esverdeado na respectiva superfície. À sua volta, na relva seca e nas árvores ressequidas, grilos e gafanhotos fazem os ruídos que lhes são próprios, não com as vozes (pois Mélodie aprendeu que estes animais não têm voz), mas com os corpos, fazendo vibrar os membros, roçando-os uns nos outros. Para Mélodie, tudo parece viver, agitar-se, mover-se de um lado para o outro naquele lugar, e assusta-a a possibilidade de ver, de repente, algum destes insectos vagueando pela sanduíche ou pela sua perna ou friccionando os membros no ar.

O cabelo de Mélodie é escuro e macio. Sente suor escorrer-lhe pela cabeça ao olhar para o fiambre viscoso. «O suor – pensa ela – é uma mão fria que tenta acariciar-nos, uma coisa estranha dentro de nós tentando esgueirar-se de um sítio para outro...».

Mélodie pousa a sanduíche na relva poeirenta. Sabe que as formigas não tardarão a chegar e a rodear o pão, tentando levá-lo. Em Paris, cidade onde costumava viver, não há formigas, mas ali, onde está a sua nova casa, existem mais formigas do que alguma vez poderíamos contar. Emergem da terra e voltam a meter-se nela. Se escavássemos, encontraríamos uma

massa compacta de formigas pretas e vermelhas. Talvez nem precisássemos de escavar muito.

Mérodie levanta a cabeça e olha para as folhas de carvalho, por cima de si.

Estão a amarelecer, como se já estivéssemos no Outono. O vento a que chamam «mistral» não pára de soprar por entre os ramos da árvore e o sol está sempre a mexer-se e a perfurar a sombra. Naquele lugar, nunca nada acaba ou se mantém quieto.

– Mérodie – chama uma voz –, estás bem? Não queres a tua sanduíche?

Mérodie volta-se para a professora – *Mademoiselle* Jeanne Viala – que está sentada numa manta estendida sobre a relva à distância de alguns passos, com algumas das crianças mais novas curvadas junto a ela, todas mastigando, obedientes, as suas baguetes.

– Não tenho fome – responde Mérodie.

– Tivemos uma manhã cansativa – diz *Mademoiselle* Viala. – Tenta comer alguma coisa.

Mérodie abana a cabeça. Por vezes, é difícil falar. Há momentos em que somos como um insecto sem voz que apenas tem de fazer um movimento com alguma parte da sua anatomia. E à nossa volta, por todo o lado, o mistral continua a soprar e as folhas de Outono a cair, ainda que estejamos em pleno Verão.

– Vem sentar-te aqui – convida *Mademoiselle* Viala. – Vamos todos beber água.

A professora pede a Jo-Jo, um dos rapazes (daqueles que costumam arreliar e intimidar Mérodie e imitar a sua pronúncia parisiense afectada) para lhe passar o saco do piquenique. Mérodie levanta-se, afasta-se da sanduíche deixada na relva, *Mademoiselle* Viala estende-lhe a mão e a menina senta-se ao pé da professora, de quem gosta bastante, mas que a traiu nessa manhã... É verdade... traiu-a ao obrigá-la a olhar para coisas que ela não queria ver...

Mademoiselle Viala enverga uma blusa de linho, calças de ganga azuis e sapatos de lona. Os seus braços bronzeados são suaves e o batom é de um vermelho vivo e brilhante. Até podia ter vindo de Paris... há muito tempo. Retira uma garrafa de água Evian do saco pesado e passa-a a Mérodie.

– Toma – disse –, bebe.

Mérodie encosta a garrafa fria à cara e vê Jo-Jo olhando para ela. As caras dos rufiões chegam a ser inexpressivas, totalmente inexpressivas, como se eles nunca tivessem sequer aprendido a dizer os próprios nomes.

– Ora vamos lá a ver... – disse Jeanne Viala, com a sua voz de professora. – Depois de todas as apresentações que vimos no museu, quem me sabe dizer como é feita a seda?

Mérodie desvia o olhar. Olha para cima; para o lado; para a luz tremulante, ao longe; para o vento invisível... À sua volta, as outras crianças levantam os braços, desejosas de mostrar a *Mademoiselle* Viala o que sabem, ou, no parecer de Mérodie, o que *sempre* souberam, pois fazem parte desta paisagem e nasceram desta terra.

É Jo-Jo quem responde:

– A seda é feita pelos bichos-da-seda.

Tal como os outros, também ele sempre o soubera. Todos tinham aprendido aquilo com os avós ou bisavós, e só ela – Mérodie Hartmann, de Paris – nunca tinha pensado em tal coisa até ao dia de hoje, em que Jeanne Viala levava as crianças ao Museu Cévelol de Produção de Seda, em Ruasse...

– Certo – confirma *Mademoiselle* Viala –, mas não gritem todos ao mesmo tempo. Agora *tu*, Mérodie... Imagina que querias fazer criação de bichos-da-seda saudáveis. Qual era a primeira coisa que farias, depois de comprares os ovos?

A primeira coisa... Mérodie olha para as mãos, cobertas de suor e pó – de lama humana.

– Mantê-los quentes... – sussurra.

A sua voz é mais débil do que a de qualquer criatura minúscula que vivesse entre duas espigas de milho ou sob a raiz de uma árvore.

– Sim – concorda Jeanne Viala –, muito bem. E como farias para o conseguir?

Mérodie deseja dizer-lhe que já lhe tinha dado a sua resposta, que já tinha respondido e que não queria falar mais sobre aquilo, mas continua a olhar para as mãos enlameadas, agarradas à garrafa de água Evian.

– Eu sei! – exclama Jo-Jo.

– Nós também sabemos – dizem Stéphanie e Magali, duas amigas inseparáveis.

– Então responde lá, Magali – condescende Jeanne Viala.

A cara de Magali torna-se escarlate, afogueada pelo orgulho e pela timidez.

– A minha avó disse-me como se faz! – exclama, excitada. – Pomos os bichos numa bolsa e a bolsa nas cuecas.

As gargalhadas explodem à sua volta e Mélodie levanta-se. Sente as pernas a tremer, mas afasta-se o mais depressa que pode do grupo de crianças.

Grilos de dorso vermelho saltam e esvoaçam à sua frente. Mélodie arranca um galho de ponta quebradiça e usa-o para tentar impedir que os insectos se aproximem de si. Ouve a professora chamá-la, mas não se vira para trás. De certeza que Jeanne Viala sabe... de certeza que sabe que quando uma pessoa vive toda a vida em Paris – dez anos inteiros! – tem saudades da cidade, de um belo quarto limpinho e alcatifado num bom apartamento, e jamais lhe passa pela cabeça ter vermes contorcendo-se sob a saia! Não é como se Paris tivesse desaparecido! Ainda lá está! A rua ainda lá está, o apartamento também! O próprio quarto, que outrora fora seu! Ela é que nunca mais vai voltar! Nunca mais... porque foi dada uma «excelente oportunidade» ao papá. O papá foi promovido e é agora o Director do Laboratório de Análises Clínicas de Ruasse. *Director!* «É fantástico! – dissera a mamã. – Tens de compreender que é uma oportunidade irrecusável.» E tudo o que aquela conversa significava era que... Paris desaparecera. Agora, o que existe é uma casa de pedra, completamente isolada no meio de um vale sombrio, onde os mosquitos passam as noites escuras e abafadas soltando gemidos. Aquele tipo de casas é conhecido como *mas*, que se pronuncia «masse». Nas fendas das pedras, onde a argamassa rachou ou caiu, escondem-se escorpiões, abrigando-se do sol. Por vezes, surge um ou outro na parede do quarto, e o papá tem de vir e...

... e traz um malho de madeira ou um martelo.

Então, espirra-lhe sangue para a cara e a pancada do martelo deixa uma marca no estuque da parede.

«Já está – costuma dizer o pai. – Agora está tudo bem. Acabou-se.»
Acabou-se.

Acabaram-se as caminhadas da escola para casa, em que passava diante do oculista e da florista e da pastelaria da esquina... Acabaram-se

as tardes de Inverno, em que o azul do céu de Paris adquire um tom eléctrico, para lá do recorte dos edifícios.

Acabaram-se também as aulas de *ballet*, de natação, de violino... *Acabou-se tudo*.

Mérodie abre caminho por entre os gafanhotos à vergastada, com o seu ramo de ponta quebradiça.

Abre um portão de ferro enferrujado, entra num pasto coberto de tufo e procura a sombra, dirigindo-se a um aglomerado de freixos jovens de folhas a amarelecer, onde poderá beber a sua água isolada. A professora já não a chama. Ter-se-á afastado mais do que pensava? O ar está silencioso e tranquilo, como se o mistral tivesse amainado.

Mérodie abre a garrafa de água. Já não está fria, mas continua suja, por causa das suas mãos enlameadas, e cheira a plástico. Não devia ter aquele cheiro, mas só cheira àquele material fabricado pelo Homem naquele lugar, onde a Natureza se mostra tão... determinada... tão... *omnipresente*, onde ocupa toda a terra, o ar e o céu e nos enche a vista e a podemos sentir na boca...

Bebida metade da garrafa, Mérodie ouve um som diferente.

Será o som de pessoas falando no rádio? Será uma daquelas discussões, ouvidas ao longe, sobre política ou sobre a vida de alguém famoso? Tratar-se-á de uma daquelas conversas que não se espera que outras pessoas compreendam?

Pára de beber e põe-se à escuta. Não... Não são pessoas. É alguma coisa produzindo um som como de pessoas cochichando, mas não é gente... A não ser que estejam a falar numa língua que Mérodie nunca ouviu antes...

Olha para onde o pasto parece terminar numa linha de ervas verde-urtiga, com folhas cobertas de lanugem. Aquelas ervas cresceram em aglomerados, tão próximas umas das outras que parece impossível alguém conseguir atravessá-las, mas Mérodie meteu na cabeça que havia de descobrir a origem do estranho som e dirige-se a elas. Ainda tem o pau e começa a vergastá-las. Pensa que só há uma forma de tratar aquele lugar, aquela terra chamada Cévennes: vergastando-a! Mas a terra reage e o pau quebra-se. Mérodie decide, então, abrir caminho pontapeando e espezinhando as ervas com as suas sapatilhas originalmente brancas, compradas em Paris e agora de outra cor. Dá passos largos e sente o

chão começar a descer. Um dos freixos abana entre ela e o Sol, como uma delicada cortina estendida por cima da sua cabeça.

Agora é invisível. A professora, ou as outras crianças, já não a conseguem ver. Eles... os outros – cada um deles –, conheciam mulheres que incubavam vermes sob as suas saias pesadas – vermes brancos colados às carnes alvas das suas barrigas e coxas –, mas não iam ali, não se atreviam a ir ali vergastar as ervas, espezinhá-las, abrir caminho em direcção a...

... a uma enseada de pedras cinzentas e seixos arenosos. Para lá dos seixos, serpenteando por entre rochedos enormes, vê-se um estreito e deslizante ribeiro. Não é um rio, mas *finje* ser um rio, *fala consigo próprio* na linguagem dos rios, mas o calor reduziu-o a um riacho. Libélulas disparam, como setas, por cima das enormes pedras. Caem folhas de freixo, que pairam e depois navegam na superfície da água.

Mélodie atravessa a enseada de seixos em direcção ao extremo do riacho. Baixa-se e mergulha as mãos na água, removendo a lama e deliciando-se com o fresco, com o frio quase gelado. De repente, é invadida por uma sensação arrebatadora. E ali está ela, invisível na belíssima sombra das árvores. Invisível e segura, como se as ervas verde-escuras tivessem tornado a endireitar-se atrás dela, barrando-lhe o caminho de volta.

Quase feliz, caminha ao longo da pequena praia, seguindo o riacho até onde este descreve uma curva. Passa a curva e vê o riacho desaguando inesperadamente num lago profundo, de cor verde-mar. Fica a olhar para o lago. Um riacho a tentar ser um rio outra vez! Até a Natureza pode ter memória – ou não? – e lembrar-se daquilo em que se deve tornar e onde. Pelo menos, é o que lhe parece. Dir-se-ia que o riacho *estava deseioso de chegar ao lago!* Sentia-se envergonhado por ser um simples riacho, um regato. Talvez até se sentisse triste, infeliz, tal como ela, «com um peso no coração», como a mamã costuma dizer. Mas agora, que desaguou num grande e profundo lago, sabe que chegou «a casa».

Mélodie ficou a observar, de pé, estática, durante bastante tempo. Depois, sentiu-se tomada pelo desejo de banhar o seu corpo queimado pelo sol e cheio de comichão naquela água. Olha para trás, quase esperando ver a professora surgir por entre a barreira de árvores jovens, mas ninguém aparece.

Sapatos, calças de ganga, *t-shirt*... livra-se de tudo menos do pequeno par de cuecas vermelhas e brancas, compradas no Monoprix dos Campos Elíseos. Em seguida, começa a escalar a primeira das rochas que a separam do lago. Já mais ágil, salta de rocha em rocha, em direcção à mais alta de todas, mesmo no meio do riacho, e recorda o que o professor de natação dissera às outras crianças: «Olhem para a *Mérodie*. É assim que eu quero que todos façam quando mergulharem: sejam graciosos e leves como pássaros.»

Prepara-se para mergulhar. Posiciona os pés – descalços – na borda do rochedo branco. Prepara-se para um salto perfeitamente executado, antes de mergulhar no frio revigorante do lago, quando... pelo canto do olho, apercebe-se de algo que não devia estar ali. Não distingue com clareza o que é ao primeiro relance e tem de olhar outra vez. Na verdade, tem de fitar aquilo.

Por fim, desata a gritar.